

## **Maria Yedda Linhares e a construção da escola de tempo integral no estado do Rio de Janeiro: entrevista com Lia Faria<sup>1</sup>**

**Maria Yedda Linhares and construction of Full Time School at Rio de Janeiro: interview with Lia Faria**

**Sheila Cristina Monteiro Matos<sup>2</sup>**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil

### **Resumo**

Entrevista com Lia Faria sobre a gestão na Secretaria Municipal de Maria Yedda Linhares (1983-1986), momento histórico, em plena Ditadura Militar, em que, no Rio de Janeiro, buscou-se implementar políticas democráticas de educação. Lia Faria é Pós-doutora em Educação e em Ciências Políticas, coordenadora do Laboratório de Educação e República e professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Lia Faria, na década de 1980, era professora de História do estado do Rio de Janeiro e participou ativamente da formação de professores do I Programa Especial de Educação. Como pesquisadora, trabalha com memórias docentes em prol da escola republicana, em particular o pensamento educacional produzido pelas políticas efetuadas pelos governos fluminenses no período situado entre 1975 e 1987, o que inclui as escolas de tempo integral. Por sua vez, Maria Yedda foi a primeira mulher professora, aprovada em concurso público, a assumir uma cátedra no Brasil. Durante a ditadura militar ela foi exilada na França. Na função de secretária municipal de educação, Yedda coordenou, no município, a implantação dos Centros Integrados de Educação Pública como escola republicana de tempo integral.

**Palavras-chave:** CIEP. Escola de tempo integral. Intelectuais.

### **Abstract**

This work is an interview with Lia Faria on the management of Maria Yedda Linhares as municipal secretary of education (1983-1986), a historical moment, in the middle of the Military Dictatorship, in which democratic education policies were sought in Rio de Janeiro, Brazil. Lia Faria is a Post-doctorate in Education and Political Science, coordinator of the Education and Republic Laboratory and a professor of the Graduate Program in Education of the State University of Rio de Janeiro. Lia Faria, in the 1980s, was a History teacher from the state of Rio de Janeiro and participated actively in the training of teachers of the I Special Education Program. As a researcher, she works with teaching memories for the republican school, in particular the educational thinking produced by the policies carried out by the governments of Rio de Janeiro between 1975 and 1987, which includes full-time schools. For her part, Maria Yedda was the first female professor in Brazil. During

---

<sup>1</sup> A entrevista compõe nossa investigação de Doutorado em Educação, intitulada "Memórias e diálogos com a Educação Integral: o legado de Maria Yedda Leite Linhares (1983-1986)".

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professora Substituta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: sheilammatos@uol.com.br

the military dictatorship she was exiled in France. As municipal secretary of education, Yedda coordinated the implementation of the Integrated Centers of Public Education as a full-time Republican school.

**Keywords:** Integrated Centers of Public Education. Full-time school. Intellectuals.

O atual indutor de fomento à educação integral<sup>3</sup> no ensino público brasileiro, o Programa Mais Educação, tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças e adolescentes matriculados em escola pública, mediante a educação em tempo integral<sup>4</sup> (BRASIL, 2010).

O Programa tem, como um de seus princípios basilares, a valorização das experiências históricas das escolas de tempo integral como inspiradoras na contemporaneidade. No caso fluminense, destaca-se a experiência dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), introduzidos e implementados por meio do I Programa Especial de Educação (I PEE), em pleno período de redemocratização do Brasil (1983 a 1986), ainda sob as leis dos governos militares.

O governador eleito do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, e o vice-governador, Darcy Ribeiro, coordenador do I PEE, convidaram Maria Yedda Leite Linhares para o cargo de Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), função exercida de março de 1983 a julho de 1986. Ela deixou a SME para ser a secretária estadual.

Nascida em Fortaleza, Maria Yedda foi a primeira mulher professora, aprovada em concurso público, a assumir uma cátedra no Brasil. Durante a ditadura, foi exilada na França. Na função de secretária municipal de educação, Yedda coordenou, no município, a implantação dos CIEPs como escola republicana de tempo integral.

No campo teórico das memórias, utilizando-se de narrativas que visam a contribuir com o desvelamento do cenário fluminense na década de 1980, entrevistou-se<sup>5</sup> Lia Faria, com o objetivo de sinalizar *rupturas e tensões que ancoraram as ações desenvolvidas* no I PEE.

Lia Faria é Pós-doutora em Educação e em Ciências Políticas, coordenadora do Laboratório de Educação e República (LER) e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PROPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Lia Faria, nos anos de 1980, era professora de História do estado do Rio de Janeiro e participou ativamente na formação de professores do I PEE. Como pesquisadora, trabalha com memórias docentes em prol da escola republicana<sup>6</sup>, em particular o pensamento educacional produzido pelas políticas efetuadas pelos governos fluminenses no período situado entre 1975 e 1987, o que inclui as escolas de tempo integral.

<sup>3</sup> Educação que considera o indivíduo na sua pluralidade, como um ser que deve desenvolver as suas capacidades físicas, psicológicas, intelectuais, morais (GOELHO; MENEZES, 2007).

<sup>4</sup> Considera-se educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias (BRASIL, 2010, art. 1º).

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 28 de julho de 2016, no Museu da República, no Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Lafer (1989) analisa que a ideia republicana faz referência à ênfase no bem público, na norma pública para impedir a violência, no federalismo e, não menos importante, nas “virtudes cívicas de cidadania, necessárias para aperfeiçoar a convivência coletiva, voltada para a utilidade comum que tem como um de seus ingredientes o tema da *educação pública ao alcance de todos*” (p. 221, grifos nossos). Portanto, o exercício do republicanismo remete a uma série de questões que atribuem, à esfera do bem comum, um espaço a ser cogitado e plenamente conquistado pela participação popular.

### **- Fale sobre sua visão acerca da Professora Maria Yedda. Quem era ela?**

Falar de Maria Yedda é um compromisso histórico, de recuperar a memória de uma das intelectuais mais importantes do Brasil. Maria Yedda era fundamentalmente uma intelectual.

Maria Yedda foi a primeira mulher acadêmica titular da universidade brasileira e também a mais jovem. Em uma época na qual não havia mídias, ela escreveu uma tese de doutorado em que teve que realizar pesquisas em embaixadas, sobre um tema que, praticamente, não havia nada em português: guerra egípcias. Ela lia e escrevia, fluentemente, em inglês e francês.

Ela também inaugurou o estudo de temas contemporâneos. Não se pesquisava, nem se escrevia nada na História sobre temas contemporâneos. Ela era professora da Faculdade Nacional de Filosofia, a célebre FNFfi. O catedrático da área de História do Brasil era Hélio Vianna, que, simplesmente, proibia qualquer professor de falar sobre Brasil. Ele era o “dono” da História do Brasil.

Logo, Maria Yedda, jovem, mulher, ficou totalmente impossibilitada de trabalhar sobre a História brasileira. Só que depois, principalmente após o exílio (1974), ela recebeu um convite da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e se dedicou a temas de História Agrária. Ela se lançou, portanto, profundamente na História do Brasil. Ela escreveu um livro fantástico sobre a história do abastecimento, que é muito rico, mostrando que os problemas da economia brasileira decorrem do não desenvolvimento de políticas públicas de abastecimento.

Tem como seu grande companheiro<sup>7</sup> [intelectual] mais particular, entre outros, Francisco Carlos Teixeira<sup>8</sup> (na verdade, parece que nunca foi nem aluno nem orientando da Maria Yedda). No entanto, ele se tornou um grande colega pesquisador.

Quando Maria Yedda foi para a Secretaria Municipal de Educação, a SME do Rio de Janeiro, no primeiro governo do Brizola, indicada pelo Brizola, em uma época em que não havia eleição para Prefeito, ela levou o Francisco Carlos como seu braço direito. Ele foi um chefe de gabinete.

Por esse rápido histórico, percebemos Maria Yedda como uma mulher que inovou. Uma mulher pioneira em sua época, principalmente no campo intelectual, no campo das ideias, no pensamento historiográfico.

Fui aluna da Maria Yedda, nos anos de 1960, quando eu fiz minha primeira graduação, em jornalismo na FNFfi. Ela era professora titular catedrática da área de História Geral Contemporânea. Nós tínhamos um medo terrível da Maria Yedda. Ela era um mito. Extremamente rigorosa. Não foi ela quem propriamente deu aula. Quem ministrou aula foi a Professora Berenice, que era uma das auxiliares dela. Ela só esteve presente numa prova final (havia um rigor muito grande no processo avaliativo, com prova escrita e oral), ocasião em que ela estava na banca. E eu caí para ser entrevistada por ela. Sinceramente, pensei que ia *morrer* naquele

<sup>7</sup> Maria Yedda foi casada com o cearense José Alves Linhares, amigo de infância, com quem teve dois filhos.

<sup>8</sup> Por seu turno, Professor Francisco Carlos chega a citar que sua formação como pesquisador e profissional veio de Maria Yedda (SILVA, 2012).

momento mesmo. O ponto sorteado era de meu conhecimento, fiz a prova oral com ela, e, no final, ela me deu [nota] 10 (dez). Foi o dez mais importante que eu recebi em toda minha vida. Nada era mais importante que tirar 10 naqueles anos de 1960 com a professora Maria Yedda.

Eu fui conhecer mais de perto o Darcy Ribeiro e rever novamente Maria Yedda em 1983, naquele período da Ditadura Militar, no Encontro de Mendes<sup>9</sup>. Eu fui designada delegada da Região Serrana, escolhida pela minha militância política e liderança, apesar de não ser professora de ensino fundamental. No total, eram, mais ou menos, trezentos e poucos delegados no Encontro de Mendes.

Naquele momento, Darcy Ribeiro me fez um convite quando eu acabei de falar - eu fui a última a falar, depois do jantar, em um dia inteiro de debates. Assim que eu acabei de falar, Darcy se levantou e disse, a seu estilo: eu quero essa mulher. Confesso que fiquei meio catatônica, porque eu era do Diretório Regional do PT [Partido dos Trabalhadores], tinha acabado de ser candidata ao cargo de Prefeita pela cidade de Nova Friburgo, havia votado no Lysâneas Maciel, que era também do PT, candidato a governador. Não havia votado no Brizola. Eu nem conhecia o Darcy Ribeiro.

Estavam na mesa Darcy Ribeiro, Maria Yedda Linhares, Yara Vargas (Secretária Estadual de Educação) e Godofredo Pinto, que era o Presidente do CEP [Centro Estadual de Professores]<sup>10</sup>. Eu não respondi, fiquei paralisada, e a plateia, ou seja, os delegados, levantaram-se, aplaudiram e gritaram: “- aceita!”.

Eu aceitei e fiquei muito mais associada profissionalmente a Darcy Ribeiro do que a Maria Yedda. O que não foi fácil, pois havia ali uma disputa, uma tensão permanente entre Darcy [Ribeiro], Yara [Vargas] e Maria Yedda. Até porque era uma composição nova, no ponto de vista administrativo-burocrático - o I Programa Especial de Educação (I PEE) pairava um pouco por cima e acima das secretárias, tanto do Estado (Yara) como no município (Yedda), duas mulheres fortes, de grande trajetória, enquanto o Presidente do Programa era Darcy Ribeiro. Não foi nada tranquila essa convivência dos três.

Na verdade, fui disputada entre Darcy e Yara, pois pertencia aos quadros da Secretaria Estadual de Educação. Yara fez injunções políticas para evitar me ceder para o Darcy. Fui nomeada diretora em escola em São Gonçalo, inclusive. Mas Darcy pressionou e, depois de um ano, eu fui então para a cúpula do I PEE, para integrar a consultoria de treinamento de pessoal, que capacitava professores para o Programa.

<sup>9</sup> As bases do I PEE foram debatidas no Encontro de Mendes, em 1983, evento que, contando com a participação de delegados de todo estado do Rio de Janeiro, aprofundou as discussões sobre o fracasso da escola pública (CUNHA, 2005).

<sup>10</sup> O atual Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE-RJ) teve origem em 1977, a partir de um grupo de professores, cerca de 50 pessoas, em sua maioria pertencentes a organizações de esquerda (SOBREIRA, 2001). Passou por várias denominações: Sociedade Estadual dos Professores (SEP) - 1977, Centro Estadual de Professores (CEP) - 1979, Centro Estadual dos Profissionais da Educação (CEPE) - 1986, e, finalmente, Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE) - 1989. Foi a entidade sindical mais representativa dos professores da rede pública do Rio de Janeiro. Na visão de Mignot (1989), o CEP foi responsável por impedir a criação de uma casta do magistério com a criação dos CIEPs, por defender políticas educacionais comprometidas com a escola real e o professor real.

**- O I PEE se concretizou por meio da articulação de Darcy Ribeiro, Yara Vargas e Maria Yedda. Como se relata esse contexto pedagógico e político da época, sinalizando o movimento das categorias educacionais prós e contra esse projeto?**

Maria Yedda e Yara foram mulheres fortíssimas, com história própria. Entre os três [Darcy, Yara e Yedda], que compunham a comissão do I PEE, havia embates permanentes. Yara e Yedda se posicionavam o tempo todo. Elas não eram teleguiadas e tinham opiniões fortes. Yedda era mais difícil ainda, porque Yedda dava declarações por vezes bombásticas, dizendo claramente até contra a ideia de como os CIEPs seriam implantados, o que ia de encontro ao pensamento de Darcy e até de Brizola.

O projeto originário, a proposta do governo, era de 60 CIEPs. Mas quando o projeto veio a luz, houve uma pressão enlouquecedora dos prefeitos das diversas cidades, pois todos queriam aquele projeto, aquele prédio do Oscar Niemeyer, com todas aquelas possibilidades de funcionar sábado e domingo, de ter aquela quadra coberta, de ter aquela biblioteca maravilhosa. Vários municípios, principalmente aqueles mais distantes, mais pobres, queriam aquele projeto.

Do ponto de vista pedagógico, os anos de 1980 refletem, não apenas no Brasil, mas no Mundo e na América Latina, um momento de muita discussão da área educacional, pedagógica. Surgem muitas ideias novas, como, por exemplo, na área da alfabetização, o letramento com Emília Ferrero. O primeiro a trazer a obra de Emília Ferrero ao Brasil foi Darcy Ribeiro. Quando falamos em Darcy Ribeiro, é importante ressaltarmos que esse projeto era extremamente coletivo. Darcy, Yedda e Yara formaram uma equipe imensa que atuava nesse projeto, sem nenhum tipo de fundamentalismo ou cobrança. Não se perguntava a ninguém qual seria partido, carteirinha, sindicato. Haja vista que eu era filiada ao PT, tinha acabado de ser candidata a prefeita pelo PT e era da direção do CEP [Centro Estadual de Professores], e me foi entregue o treinamento de pessoal, que é um viés extremamente ideológico, formador de opinião, pelo qual eu trataria diretamente com os professores. Eu mesmo, pessoalmente, trabalhei, capacitei 9 (nove) mil professores.

Eles deram oportunidade para essa discussão aberta, em um momento da década de 1980, da volta dos exilados, da união da esquerda e dos progressistas. Foi um momento muito rico de como repensar o Brasil, a educação, a escola pública. Muito rico nesse viés pedagógico.

Embora nem Maria Yedda nem Darcy tenham sido de educação básica, eles possuíam esse olhar de sensibilidade, de preocupação com a alfabetização, com as alfabetizadoras, principalmente Darcy. Essa sempre foi a prioridade de Darcy no programa dos CIEPs.

Maria Yedda ainda estava mais distante que Darcy dessa realidade. Darcy era e se colocava como discípulo de Anísio Teixeira, ele bebeu muito nessa fonte de Anísio no que se refere à educação básica. Maria Yedda, apesar de ter uma relação muito próxima ao Anísio, como catedrática e intelectual, era mais voltada ao meio acadêmico. Tanto é que ela e o Anísio têm declarações muito interessantes, por exemplo, sobre o professor de História. Tanto a Yedda quanto o Anísio consideravam os professores de História como profissionais diferenciados no âmbito das licenciaturas, pois esse professor possuía um papel ideológico, formador, que era muito importante para

a formação do professor. E também tem a questão aligeirada de dizer que Anísio era de direita, que Anísio era liberal. Ele defendia ideias republicanas como Yedda.

Anísio, Maria Yedda, Darcy Ribeiro, Paulo Freire trabalharam juntos naqueles anos de 1960, naquele momento de João Goulart, de reformas de base, da UnB [Universidade de Brasília]. Eles tinham contato e trocavam muitas ideias.

De fato, Maria Yedda nunca foi uma pessoa de escola pública ou de educação básica. No entanto, juntamente com Yara e Darcy, Yedda formou equipes muito boas, competentes. Falar da trajetória dos CIEPs é também falar desse grupo de professores que formavam essas equipes, cujo trabalho não se deva ocultar, pois foram os pilares da gestão de Maria Yedda e Yara Vargas.

### **- Embora o período de 1980 fosse uma época de redemocratização, ainda havia práticas chaguistas<sup>11</sup>, clientelistas, vigorando nas escolas. O que de relevante houve sobre essa relação do chaguismo com o brizolismo?**

A primeira coisa é que todos os diretores do município e do estado eram indicados. Não era por concurso, tampouco por eleição. O CEP [Centro Estadual de Professores] se mobilizou para lutar pela eleição de diretores, justamente como uma luta contra o clientelismo e o chaguismo. O chaguismo ficou caracterizado por estudos teóricos, inclusive meu, tendo alicerce nos funcionários públicos e, particularmente, na área da educação, por meio da nomeação de diretores para a manutenção de poder.

Maria Yedda, imediatamente, percebeu isso. Ficou inclusive chocada, pois ela não tinha ideia de como era essa malha clientelista, utilizando as escolas, os diretores. Quando ela foi para a Secretaria Estadual de Educação [1986], ela ficou mais chocada ainda, pois a antiga Guanabara, o Distrito Federal, não tinha arraigada essa manipulação desabrida do espaço escolar. E isso era feita de forma violenta no Estado do Rio de Janeiro. Até hoje, encontram-se resquícios e vestígios dessas práticas no interior do Estado.

O município do Rio de Janeiro é outra realidade. As leis, as regras, as normas, os concursos públicos sempre foram muito mais respeitados. Eu vi Maria Yedda, por exemplo, elogiar a estrutura do município do Rio de Janeiro, elogiar os professores do município e dizer que se maravilhou, se surpreendeu com o alto nível e a qualidade dos professores da rede municipal.

Maria Yedda foi realmente se deparar com essa manipulação quando ela, nos últimos meses do mandato de Leonel Brizola, substituiu Yara Vargas na Secretaria Estadual de Educação, que saía para se candidatar à deputada estadual pelo PDT [Partido Democrático Trabalhista]. Cabe destacar que Yara Vargas foi a deputada mais votada no Rio de Janeiro, o que demonstrara sua projeção para além de seu sobrenome [Getúlio Vargas]. Ela era uma mulher e grande política à moda antiga, que visitava os municípios, onde era recebida de forma célebre. Até hoje, é lembrada no interior do Rio de Janeiro. Quando Yara deixou a Secretaria para se candidatar, foi a maior festa que vi na despedida de um Secretário de Estado. Isso mostrou sua competência política, capacidade de mediação para com os prefeitos mais conservadores.

A Yedda era diferente. Ela era dura, mais ideológica, partia para o confronto. Para Yedda, sempre foi mais difícil essa gestão no estado. No município não.

<sup>11</sup> Marcas deixadas pelo governo de Chagas Freitas. Imbuídos pela lógica Chaguista, ainda permaneciam, na educação fluminense, algumas manobras que, por meio do uso da "máquina política", implementavam práticas antidemocráticas (FARIA, 2011).

**- A professora Maria Yedda consolidou um trabalho diferenciado junto à educação básica no município fluminense. O que você poderia relatar sobre tal legado?**

Um dos maiores legados da Maria Yedda foi desmontar as antigas leis da ditadura. Tanto ela como Yara, trabalhando de forma integrada, acabaram com OSPB [Organização Social e Política Brasileira], Moral e Cívica, e retomaram o estudo da História e da Geografia, por meio de portarias. Isso antes de a lei cair, considerando que as leis da ditadura estavam em vigência.

Além disso, Maria Yedda criou uma alfabetização em dois anos, uma nova estruturação para a alfabetização e o letramento com as ideias mais avançadas que existiam naquele momento, investindo com grandiosidade nessa capacitação. Outro fato relevante, Yedda fez gestões, sempre com os pés no chão, fazendo o que fosse possível com a realidade fluminense, para que as séries iniciais passassem a ter 6 (seis) horas de carga horária diárias, na mesma direção dos CIEPs.

Ou seja, o legado da alfabetização, do desmonte das leis da ditadura e, não menos importante, a imensa reforma popular que começou a ser discutida de forma muito aprofundada, que serviu de exemplo para todo Brasil, que somente foi publicada em Diário Oficial do Município com outro prefeito, com outro secretário, Moacyr de Góes. Moacyr também teve seus méritos, como o Projeto “De pés no Chão”, mas o legado, todos os avanços, foram obra de Maria Yedda e de sua equipe.

**- Qual a contribuição de Yedda para a escola de tempo integral? Os confrontos políticos da época... Seriam as “escolas de favela”?**

Maria Yedda afirmava que ela era uma republicana. Ela defendia a “*republicanização*” do ensino e dizia que o Brasil criou duas repúblicas na educação: uma dos ricos, outra dos pobres. Para alguns se educar, para outros não.

Ela acabou sendo uma entusiasta, uma defensora dos CIEPs, da educação integral, mesmo havendo muita disputa, ciúme, vaidades entre ela e Darcy. Em termos de essência, de pensamento, ela concordava plenamente com as ideias, os pensamentos e as propostas de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro. Ela se permitiu a auxiliar e a apoiar a implantação da maioria dos CIEPs no primeiro governo de Brizola, pois a maioria dos CIEPs do primeiro governo de Brizola foram no município do Rio de Janeiro. Isso foi prioritário na gestão de Maria Yedda, da SME. Maria Yedda defendia a educação integral, a educação integral para o povo, pobre, “*favelado*”. Uma escola republicana, de educação para todos. Escola boa, para os brancos, negros, pobres, para todos, como foi nos Estados Unidos e na Europa.

Cabe destacar que Maria Yedda tinha grande influência francesa. Quando ela foi para o exílio, ela ministrou aula em Sorbonne, a convite da Sorbonne e, como aborda Emílio Barbosa, a escola pública é uma invenção francesa, da Revolução Francesa, assim como da Revolução Americana e Inglesa. E esses países garantiram, para sua população, essa educação republicana. O mundo capitalista fez essa educação republicana.

**- Como Yedda era uma grande militante em prol das questões educacionais. Houve alguma participação dela ou de sua equipe no que tange a indicação de propostas para a nova carta constitucional, contida no documento firmado IV CBE “Carta de Goiânia”?**

As CBE [Conferências Brasileiras de Educação] foram movimentos da década de 1980. Naquele momento de redemocratização, houve muita discussão sobre educação e sobre todas aquelas políticas que ficaram lá para trás na reforma de base. Na educação, surgiram vários movimentos, sindicatos. O mais nobre disso foi o surgimento dos CBE.

A Quarta CBE, especificamente, que ocorreu em 1986, em Goiânia-GO, foi uma das mais relevantes. No final, os conferencistas escrevem essa Carta de Goiânia. É importante registrar que Maria Yedda vai com uma equipe de muita qualidade participar da CBE. Nem ela nem Yara eram simplesmente secretárias de Gabinete.

O Brasil, em 1986, ainda vivia um momento de muita esperança, com uma esquerda unida, e com uma discussão muito grande, muito aprofundada, pedagógica, sobre educação. É claro que isso foi uma troca com o I PEE e com os CIEPs, pois todos os professores do I PEE estavam acompanhando essas discussões.

**- Os *fazimentos* da Profa Maria Yedda, desde o I PEE, bem como as mudanças curriculares, foram projetos eleitoreiros ligados a Brizola ou foram uma utopia possível?**

Foi uma utopia possível. Quando estiveram no exílio, os filhos de Brizola foram criados e educados no Uruguai, em escolas de educação integral. Brizola veio do Uruguai muito impressionado com essas escolas públicas de qualidade. Brizola era um defensor da Escola Pública. Ele veio do meio pobre, do meio rural, e sempre estudou em escolas públicas. Ele teve apoio da prefeitura para ingressar em uma escola técnica interna, pois a família não tinha condições financeiras. Brizola ficou marcado por essas influências. E o Darcy tinha a teoria, na fonte de Anísio, da Escola Parque.

Por sua vez, um projeto eleitoreiro não possui consistência, não tem proposta clara, não tem possibilidade histórica de continuidade. A maior resposta a todos que disseram que a proposta do PEE era eleitoreira é que, em toda eleição, todos subiam no palanque defendendo as ideias de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Maria Yedda e Yara Vargas. Esses são os verdadeiros artífices dessa proposta, que dedicaram a vida aos brasileiros, à escola republicana, e à luta contra a injustiça social.

A maior prova de que não era eleitoreiro é a possibilidade histórica de continuidade. O que é eleitoreiro, se desfaz. Estamos falando de um projeto de 30 anos, três décadas, com volume considerável de trabalhos, monografias, dissertações, teses (mestrado, doutorado, pós-doutorado), abordando sobre educação integral, CIEPs, Darcy, Brizola, este ano inclusive.

**- O que a Prof. Yedda pensava sobre os pedagogos no período de sua gestão?**

Isso aí foi um nó górdio, um problema durante o governo Brizola, que levou a fúria dos pedagogos contra o próprio Darcy Ribeiro. Ele mesmo afirmava que os pedagogos nada mais eram que uma neblina pedagógica. Isso ocorria pela legislação educacional do período da ditadura.

Os pedagogos, nos governos militares, foram alçados à categoria de especialistas em educação, acima dos professores, com um papel fiscalizador, controlador, próprio do período autoritário, legitimado pelas leis da educação. Muitos supervisores perseguiram os professores. Então, o cotidiano que se vivia dentro da escola era de ódio aos pedagogos. Os professores de licenciaturas detestavam os pedagogos. Havia alguma relação melhor com os orientadores educacionais, em razão do trabalho mais social, mais humano.

Além disso, os pedagogos eram vistos com uma formação inferior às licenciaturas. Vivemos isso, não somente Darcy e Yedda. O discurso de Maria Yedda e Darcy não eram discursos isolados, eles repetiam o que a maioria do professorado pensava acerca dos pedagogos e os especialistas. 30 anos depois, isso mudou, novos estudos, novas leis.

## Referências

BRASIL. Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, ano 147, n. 18-A, 27 jan. 2010. Seção 1, edição extra, p. 2-3.

COELHO, L. M. C. C.; MENEZES, J. S. S. Tempo Integral no ensino fundamental: ordenamento constitucional-legal em discussão. In: ANPED. 30ª Reunião anual da ANPED: 30 anos de pesquisa e compromisso social. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPED, 2007. p. 1-16. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT13-3193--Int.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

CUNHA, L. A. **Educação, Estado e Democracia no Brasil**. São Paulo: Cortêz, 2005.

FARIA, L. **Chaguismo e brizolismo: territorialidades políticas da escola fluminense**. Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

LAFER, C. O significado de república. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 1989, p. 214-224.

MIGNOT, A. C. V. CIEP – Centro Integrado de Educação Pública – alternativa para a qualidade do ensino ou nova investida do populismo na educação? **Em Aberto**, Brasília, ano 8, n. 44, out./ dez. 1989. p. 45-63.

SILVA, F. C. T. **Vox, vocês: (re)memorar**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

SOBREIRA, H. G. Alguns aspectos da reorganização do movimento dos professores públicos do estado do Rio de Janeiro. **Educação & Sociedade**. Campinas, ano XXII, n. 77, dez. 2001. p. 131 - 160.